

Universidade Federal Fluminense

Aluna: Severina Alves Domingos

Professor: Marcus Reis Pinheiro

Disciplina: Trabalho de Conclusão de Curso

Sócrates e a sua pedagogia

Dedico esta monografia primeiramente a Deus e a Virgem Maria, in memoriam, a minha tão querida mãe Maria José Alves Domingos; aos meus filhos: Miguel, Luiza e João, minhas riquezas; a minha irmã Lalá pelo apoio emocional fundamental para o término do meu curso; e para todos que, direta ou indiretamente, me apoiaram e incentivaram na conclusão deste trabalho.

Agradecimentos

Agradeço a Universidade Federal Fluminense – pela qualidade do ensino público e gratuito e a todos os professores desta instituição – em especial ao professor e orientador Marcus Reis Pinheiro pelo apoio e incentivo quanto à realização de minha pesquisa; pelas suas críticas tão necessárias e fundamentais, sem as quais, não seria possível concluir o meu trabalho; por acreditar na minha autonomia, mostrando-me a possibilidade que havia em mim para realização desta pesquisa; enfim, agradeço a todos aqueles que, de alguma forma, contribuíram para realização desta dissertação.

Resumo

Nesta monografia, tive por intenção fazer uma análise da pedagogia de Sócrates e as consequências da mesma, tomando por base para minha pesquisa a *Apologia de Sócrates*, escrita por Platão, visto que, Sócrates nada escreveu. No tribunal, Sócrates de início, faz um relato sobre acusações antigas feitas por Meleto, um dos cidadãos poderosos de Atenas. As acusações tinham, como uma das referências, a peça *As Nuvens*, escrita pelo comediógrafo Aristófanes que contribuiu para a má fama de Sócrates. Ao esclarecer todos os pormenores de todas as acusações, Sócrates agora relata o momento mais importante de sua vida: o episódio do oráculo do deus de Delfos, Apolo. A partir de tal episódio, Sócrates exerce sua pedagogia quando é declarado pelo oráculo o mais sábio dentre os homens. Para por à prova a declaração do oráculo, Sócrates interroga os homens ditos mais sábios e ao chegar à conclusão que esses homens só tinham o conhecimento restrito de sua área, Sócrates revela-lhes a sua ignorância e acaba assim despertando o ódio de tais homens contra si. Sócrates então reconhece ser mais sábio que aqueles homens por não ter a pretensão de saber e, por isso, dizia: “só sei que nada sei”. A partir desse momento, Sócrates, por ser obediente às leis e aos deuses, resolve assumir a sua missão de interrogar todos os homens revelando-lhes a sua ignorância, levando-os a buscar o autoconhecimento, fazendo-os pensar por si próprios. Sócrates emprega o método maiêutica (do grego: **maieutiké**), que significa: arte do parto. O método consistia em perguntas e respostas, no qual Sócrates desempenhava a função de parteiro, só que de ideias, fazendo uma analogia à profissão materna (parteira). Então, àqueles que se deixassem interrogar e aceitassem os ensinamentos socráticos, estariam aceitando conseqüentemente a sua doutrina que tinha como princípios: “conheça-te a ti mesmo” e “cuida de ti mesmo”. E uma vez, pondo em prática a doutrina, estariam aptos a cuidarem da alma, conquistando sua autonomia, tornando-se cidadãos livres. Todos esses relatos feitos na *Apologia* tiveram como consequência a condenação de Sócrates.

Palavras-chave: Sócrates, missão, dialética, maiêutica, pedagogia.

Sumário

| | |
|--|----|
| Dedicatória..... | 2 |
| Agradecimentos..... | 3 |
| Resumo..... | 4 |
| Introdução..... | 6 |
| Capítulo I – Sócrates e a essência humana..... | 9 |
| I.1 - Refutações de acusações antigas..... | 9 |
| I.2 - A missão socrática e a essência humana..... | 13 |
| Capítulo II – Método Sócrático..... | 17 |
| II.1 Definição do método..... | 17 |
| II.2 Ironia..... | 18 |
| II.3 Maiêutica..... | 21 |
| Capítulo III – Doutrina Socrática: “conheça-te a ti mesmo” e “cuide-te de ti mesmo”..... | 23 |
| I.1 A importância do cuidado com a alma..... | 26 |
| Conclusão..... | 30 |
| Bibliografia..... | 33 |
| Índice..... | 36 |

Introdução

Sócrates não deixou nada escrito. Todo o conhecimento de sua filosofia e atividades desenvolvidas por ele, durante os seus setenta anos de vida, nos é permitido conhecer através do que foi escrito por alguns de seus discípulos. E pelo fato de Sócrates não deixar nada escrito, surgiram muitas dúvidas com relação à sua identidade. O motivo da condenação de Sócrates se deu porque as suas ideias iam de encontro com as do Estado, eram contrárias as práticas políticas da época.

Platão, seu discípulo, escreveu a *Apologia de Sócrates e Diálogos*, nos quais Sócrates desempenha o papel principal em alguns deles. Xenofonte, amigo de Sócrates, também escreveu uma *Apologia de Sócrates* e as *Memorabilia* (Memórias), o *Symposium* (Banquete) e o *Oeconomicus*¹. Aristófanes, comediógrafo, escreveu a peça *As Nuvens*, em que o filósofo era satirizado. Essa peça trouxe uma má fama para Sócrates, o que será descrito no capítulo I.

Mesmo com tantos escritos sobre o filósofo Sócrates, ainda assim, pelo fato dele não nos deixar nada escrito, nos são suscitadas muitas dúvidas com relação à sua identidade. Quanto a essa questão, Giovanni Reale diz:

De Sócrates conhecemos com certeza a data da morte, que aconteceu em 399 a.C., em seguida a condenação por “impiedade” (Sócrates foi formalmente acusado de não crer nos Deuses da cidade e de corromper os jovens com suas doutrinas; mas atrás de tal acusação escondem-se os mais diversos ressentimentos e manobras políticas, como bem nos diz Platão na *Apologia de Sócrates*). Posto que o próprio Platão nos diz que, no momento da morte, Sócrates tinha cerca de setenta anos, deduz-se que nasceu em 470/469 a.C.²

Mas, ainda quanto à identidade de Sócrates, podemos nos remeter a opinião de Gregory Vlastos, estudioso especialista em filosofia antiga, defensor da possibilidade de traçarmos um perfil do Sócrates histórico, encontrado nos diálogos da juventude de Platão. Os diálogos são: *Apologia de Sócrates*, *Cármides*, *Críton*, *Eutífron*, *Górgias*, *Hípias Menor*, *Íon*, *Laques*, *Protágoras* e *República* (livro I). Para Vlastos, nesses diálogos considerados socráticos, Platão apenas transcrevia as ideias de Sócrates e, portanto, o Sócrates descrito por Platão nesses diálogos seria o histórico, ou seja, o autêntico. Vlastos, ainda

¹ Marcondes, Danilo. *Iniciação à história da Filosofia dos Pré-socráticos a Wittgenstein*. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2010, pg 45.

² Reale, Giovanni. *Sofistas, Sócrates e socráticos menores*. Tradução de Marcelo Perine. São Paulo: Ed. Loyola, 2009, pg 81.

descreve uma fase de transição entre os diálogos da juventude de Platão e os intermediários, na qual Platão daria início à introdução de partes das suas ideias nos diálogos socráticos, estabelecendo com essa atitude uma mudança no Sócrates histórico. Esses diálogos são: *Eutidemo*, *Hípias Maior*, *Lísis*, *Menexemo*, *Mênon*. Nos diálogos intermediários, Platão introduz a teoria das ideias, marcando com essa atitude, o rompimento com as doutrinas do mestre, passando a se opor a elas. Os diálogos intermediários são: *Crátilo*, *Fédon*, *Symposium* (Banquete), *República* (livro II – X), *Fedro*, *Parmênides* e *Teeteto*.³

A partir da comparação feita por Gregory Vlastos das dez características do Sócrates da fase inicial (histórico) e o Sócrates da fase intermediária (platônico), podemos destacar a diferença entre ambos. O Sócrates histórico⁴ tinha como características: ser exclusivamente um filósofo moral; não era muito teórico com relação às formas ou lembrança do conhecimento (reminiscência); afirmava não ter nenhum conhecimento; não sabia nada do modelo de alma tripartida (racionalidade, paixão e desejo), porém Sócrates acreditava na alma imortal e unificada; não professava interesse pelas ciências matemáticas e não possui nem reivindica qualquer especialidade científica; a sua concepção de filosofia é populista; não tinha teoria sobre política, ainda que criticasse severamente as atividades políticas em Atenas e, ainda assim, preferia Atenas com suas leis a qualquer outro Estado contemporâneo, mas ele não deixa claro o porquê da preferência; rejeita o amor homossexual, a não ser em nível superficial; Sócrates vê na devoção um serviço a uma divindade rigorosamente ética, sua religião pessoal é prática e realizada em ações; o método filosófico de investigação é perseguir a verdade, ele busca a verdade moral, refutando teses dos interlocutores discordantes, isso cessa nos diálogos de transição, onde ele passa a arguir teses propostas e opostas por ele mesmo.

As características, segundo Vlastos, da fase intermediária⁵, ou seja, Sócrates criado, com o passar do tempo, por Platão, são as seguintes: filósofo moral, metafísico, epistemologista, filósofo da ciência, filósofo da linguagem, educação, religião e arte, ou seja, uma completa enciclopédia da ciência filosófica em seu domínio; Sócrates tinha uma grandiosa teoria metafísica da existência e da separação corpo e alma; procura um conhecimento demonstrativo e tem a confiança de que o achou; Sócrates defendia um

³ Vlastos, Gregory. *Socrates: Ironist and Moral Philosopher*. Melbourne, Austrália: Cambridge University Press, 1991, pg 46 - 47.

⁴ Vlastos, Gregory. *Ibidem*, pg 47 - 49

⁵ Vlastos, Gregory. *Idem*

complexo modelo de alma tripartida composta de: racionalidade, paixão e desejo; Sócrates, nessa fase, já havia dominado todas as ciências do seu tempo; a concepção da filosofia de Sócrates era elitista; Sócrates tem uma visão política elaborada que classifica, em ordem de constituição, a democracia como a pior forma de governo contemporâneo, abaixo da timocracia e da oligarquia, preferível somente a tirania; ele tinha uma base metafísica no amor para transcendência da forma da beleza que é totalmente deficiente do padrão; a forma pessoal da religião de Sócrates é centrada na comunhão com as divinas, mas impessoais, formas, ou seja, ela é mística realizada em contemplação; na sequência dos diálogos de *Mênnon* até *Fedro*, Sócrates é um filósofo didático, expondo a verdade para seus interlocutores que consentiam com ele, conseqüentemente a teoria metafísica dos diálogos precedentes do período de transição, está sujeita à procura pela crítica presente no diálogo *Parmênides*, e então, Sócrates experimenta um novo começo, mudando para um novo método maiêutico, modo de investigação presente no diálogo *Teeteto*.

Acredito que o mais importante ao apresentar as características do Sócrates histórico, é termos a possibilidade de elucidar as nossas dúvidas sobre a identidade do filósofo. O papel, desempenhado por Gregory Vlastos, estudioso de Sócrates, é uma característica não só do Sócrates histórico, mas de todo o filósofo: que é a busca pela **alétheia** (do grego: verdade, no sentido de desvelamento).

Na sua pedagogia, exercida a partir do episódio do oráculo do deus de Delfos, Apolo (ponto importante que aprofundarei no capítulo I, mas à frente), Sócrates resolve assumir a missão de mostrar a todos os homens que se diziam sábios, que eles não sabiam o que julgavam saber. O objetivo da tarefa pedagógica exercida por Sócrates era fundamentalmente fazer com que os homens chegassem ao autoconhecimento, ou seja, pensar por si mesmos, sem ter de repetir opiniões que muitas vezes nem paravam para pensar sobre o que estavam falando, ficando presos às opiniões alheias.

Sócrates, ao usar o método maiêutica, dava início a diálogos com a intenção de questionar as opiniões alheias a fim de desmascarar a ignorância daqueles que se supunham sábios, mostrando as contradições e a insuficiência de suas teses. No exercício de sua missão, Sócrates não cobrava nenhum valor. Os sofistas, citados por Platão, na *Apologia* (19e-20a), eram homens que ensinavam, tinham muita habilidade, porém sua tarefa educacional era malvista por esses filósofos, por cobrarem por tudo que ensinavam.

Mesmo desempenhando sua missão pedagógica de forma exemplar fazendo com que os homens despertassem para o conhecimento próprio de sua alma e adquirissem as suas próprias opiniões, mesmo assim, Sócrates não se declarava um mestre, essa posição é descrita por Sócrates, na *Apologia* (33b): “eu nunca fui mestre de ninguém, conquanto nunca me opusesse a moço ou velho que me quisesse ouvir no desempenho da minha tarefa”.

Foi desempenhando tal tarefa, cumprindo o prometido ao deus, que Sócrates incomodou os cidadãos influentes de Atenas , porque ao despertar em cada homem a possibilidade de pensarem por si mesmos, a Pólis não seria a mesma, e com isso, os planos políticos seriam afetados. Condenando Sócrates à morte, os cidadãos poderosos de Atenas, com essa atitude, se defenderiam. Porém, Sócrates não se intimidou e incansavelmente exerceu a sua missão, fazendo com que os homens dessem mais importância ao autoconhecimento, para que assim pudessem cuidar de si mesmos, conquistando a sua autonomia e saindo da condição de “miseros escravos”, não satisfazendo aos desejos do corpo, não valorizando as honrarias, riquezas e fama, mas se importando essencialmente com a razão, com o cuidado da alma. Com relação a isso no diálogo *Fédon* (66c-d), Sócrates deixa claro a condição de miseros escravos:

Vede, pelo contrário, o que ele nos dá: nada como o corpo e suas concupiscências para provocar o aparecimento de guerras, dissensões, batalhas; com efeito na posse de bens é que reside a origem de todas as guerras, e, somos irresistivelmente impelidos a amontoar bens, fazemo-lo por causa do corpo, de quem somos miseros escravos!

Capítulo I - Sócrates e a essência humana

Refutações de acusações antigas

Na *Apologia* (19b-e), Sócrates, antes mesmo de exercer a ocupação de interrogar os homens, se remete ao passado para justificar as acusações antigas que lhe trouxeram má fama. No início de sua *Apologia*, Platão sente a necessidade de recapitular tais

acusações, com o intuito de rebater as calúnias e difamações contra Sócrates até o presente momento naquele tribunal.

A comédia *As Nuvens*, como já havia citado no início, foi uma das referências usadas para contribuir com as acusações antigas e difamações contra o filósofo Sócrates. A caricatura de Sócrates era de um homem amoral, andarilho, sem paciência com aqueles que dialogavam, um homem interesseiro que fazia tudo visando unicamente o lucro, inclusive, ensinar.

Na comédia, há uma demonstração de como a personagem Sócrates dialogava com um idoso endividado (Estrepsíades), e muito preocupado com a situação na qual se envolveu. Ao ouvi-lo, Sócrates usa de sarcasmo quando o mesmo jura pelos deuses que pagará pelo ensino. Os trechos são de 235-245:

Estrepsíades

(muito espantado)

[...] Então venha, meu Socratezinho, desça aqui para ensinar-me aquilo que vim procurar...

Sócrates

(descendo)

Mas a que veio você?

Estrepsíades

Porque desejo aprender a falar. Com efeito, estou sendo saqueado, pilhado e penhorado nos meus bens, por credores e juros muito cacetes...

Sócrates

E como você não percebeu que se endividava?

Estrepsíades

Foi uma doença de cavalos que me arruinou, terrível, devoradora...mas ensine-me o outro dos seus dois raciocínios, aquele que não devolve nada. Pelos deuses, juro pagar-lhe qualquer salário que você cobrar...

Sócrates

Por quais deuses você pretende jurar? Para começar, em nosso meio os deuses são moedas fora de circulação...

Na *Apologia*(19b), Sócrates faz a leitura do texto da acusação de Meleto contra ele: “Sócrates é réu de pesquisar indiscretamente o que há sob a terra e nos céus, de fazer que prevaleça a razão mais fraca e de ensinar aos outros o mesmo comportamento”. Mesmo a peça tendo deturpado a imagem do filósofo, que segundo Platão, agia contrariamente a personagem da peça, ainda assim, a peça serve como um documento, uma fonte de informação, sobre o filósofo antes de sua morte.

Penso que outro ponto importante sobre a peça é: se Aristófanes apresentasse a personagem Sócrates com um comportamento centrado que ensinasse e não cobrasse, falasse da moral e dos bons costumes, o homem cumpridor das leis e obediente aos deuses, que graça teria? Como ele iria arrancar risos da plateia? A peça seria um fracasso, essa é uma das razões pelas quais podemos pensar que a peça foi escrita. As características da personagem Sócrates da peça *As Nuvens*, descrita, na *Apologia*(19c), pelo próprio Sócrates que as refuta, são: "... O Sócrates transportado pela cena, apregoando que caminhava pelo ar e proferindo muitas outras sandices sobre assuntos de que não entende nada".

Na peça escrita por Aristófanes, a personagem Sócrates tem um diálogo com um idoso, Estrepsiades, endividado porque satisfaz as vontades de seu filho com a compra de cavalos. Essa personagem está aflita com os juros acumulados sobre a dívida de seu filho e procura ajuda da personagem Sócrates, que convive com seu amigo Querefonte, e tem o mesmo comportamento dos sofistas; essas características são explicitadas no verso 100 da comédia:

Fidípides

Mas quem são eles?

Estrepsiades

Não sei ao certo seu nome (Solenemente). São pensadores meditatundos, gente de bem!

Fidípides

Ah! Já sei, uns coitados! Você está falando desses charlatães, pálidos e descalços, entre os quais o funesto Sócrates e Querefonte...

Neste comédia, a caricatura feita de Sócrates pelo comediógrafo não tem nada em comum com o Sócrates de 70 anos apresentado por Platão no tribunal durante a sua apologia. Nos versos 635-645 a atuação da personagem Sócrates, justifica a má fama atribuída na peça *As Nuvens*:

Sócrates

Então vamos, o que é que você deseja aprender agora mesmo, em primeiro lugar, daquelas coisas que nunca lhe ensinarão? Diga-me, serão por acaso as medidas, os versos ou os ritmos?

Estrepsiades

As medidas, eu sim! Pois há pouco fui tapeado por um mercador de farinha numa medida dupla...

Sócrates

Não é isso que lhe pergunto, mas que medida você julga mais bela, o trímetro ou tetrâmetro?

Estrepsiades

Nada me parece superior ao quartilho...

Sócrates

Você diz tolices!

Estrepsíades

Então aposte comigo que o quartilho não tem quatro medidas...

Sócrates

Vá pro inferno! Como você é bronco e totalmente ignorante! Hum, talvez possa aprender os ritmos mais depressa!...

Como já foi dito no início, a comédia *As Nuvens*, serviu como base para que o poeta Meleto fundamentasse suas acusações contra o filósofo Sócrates com relação à sua participação e ensino de doutrinas naturais aos cidadãos atenienses (*Apologia* 19b-c). Para esclarecer essa questão, Sócrates, segundo Platão (*Apologia* 19c-d), faz um relato a todos os presentes no tribunal, justificando a sua não participação em tais doutrinas naturais:

[...] Não será desse crime que me há de condenar Meleto – mas a verdade é que não tenho deles, atenienses, a mais vaga noção. Invoco o testemunho da maioria de vós mesmos, pedindo aqueles que alguma vez ouviram minhas conversas – há muitos deles entre vós. Dizei-os, pois mutuamente, a ver se algum de vós me ouviu alguma vez discorrer, por pouco que fosse, sobre tais assuntos.

Se na *Apologia*, segundo Platão, Sócrates não admitia ter tido qualquer envolvimento com as doutrinas naturais, no diálogo *Fédon* (97b-98c), Platão apresenta um Sócrates que em um determinado tempo de sua vida, provavelmente na juventude, se entusiasmou pela obra de um filósofo chamado Anaxágoras, ao ler a seguinte frase (*Fédon* 19b): “O espírito é ordenador e causa de todas as coisas”. Ao analisar a obra de Anaxágoras, toda a esperança depositada nos ensinamentos deste filósofo foi afastada, quando ele percebeu o absurdo contido nessa obra. Com relação a isso, Sócrates diz, no *Fédon* (98c):

À medida que avançava e ia estudando mais e mais, notava que esse homem não fazia nem um uso do espírito nem lhe atribuía papel algum como causa na ordem do universo, indo procura tal causalidade no éter, no ar, na água, em muitas outras coisas absurdas.

Portanto, mesmo que Sócrates tenha participado por um tempo de tais doutrinas, é muita incoerência por parte dos cidadãos influentes de Atenas se basearem em tais questões para desmoralizá-lo. Portanto, quando tais cidadãos o condenam, Sócrates faz uma observação quanto a isto na *Apologia* (39d):

Serão mais numerosos, os que vos pedirão contas; até agora eu os continha e vós não percebíeis; eles serão tanto mais importunos quanto são mais jovens, e vossa irritação será maior. Se imaginas que, matando homens, evitareis que alguém vos repreenda a má vida, estás enganados, essa não é uma forma de libertação, nem é inteiramente eficaz, nem honrosa; esta outra, sim, é a mais honrosa e mais fácil;

em vez de tapar a boca dos outros, preparar-se para ser o melhor possível. Com este vaticínio, despeço-me de vós que me condenastes.

Para que fique mais clara a questão da participação, ou não, de Sócrates em doutrinas naturais e o ensinamento das mesmas, Giovanni Reale diz:

Não é mais possível estabelecer com segurança quanto tempo duraram essas experiências naturalistas de Sócrates: Aristófanes que, como já dissemos, apresenta Sócrates em torno dos 40 anos, atribui-lhe ainda uma série de ligações (algumas vezes bastante precisas) com certas doutrinas de físicos. Uma coisa, todavia, parece certa ou, pelo menos, provável, isto é, que Sócrates jamais ficou satisfeito com essas pesquisas e que, por consequência, jamais fez delas objeto de seu ensinamento.⁶

Na *Apologia* (20c-e), podemos notar que há uma saída de toda a problemática envolvendo Sócrates com relação a sua participação, ou não, em doutrinas naturais para a questão do homem. Toda essa mudança do filósofo é marcada pelo episódio do oráculo do deus de Delfos, que segundo relatos feitos por Platão, foi o fato mais marcante da vida de Sócrates, direcionando-o para as questões que dizem respeito ao homem, a sua essência, sua alma.

A missão socrática e a essência humana

Na *Apologia* (20c-24d), Sócrates relata como o episódio do deus de Delfos, Apolo, deu início a sua missão de tirar os homens da ignorância fazendo-os pensar por si mesmos, porque muitos dos homens que supunham saber alguma coisa, na verdade, sabia pouco ou nada sabiam. A partir desse episódio, a vida do filósofo muda radicalmente, porque agora ele está a serviço de Apolo, assumindo a sua nova ocupação relacionada com a resposta dada pelo oráculo ao seu amigo Querefonte.

Tudo aconteceu assim: ao visitar a cidade de Delfos, Querefonte arriscou uma consulta ao oráculo, ele perguntou se havia alguém mais sábio que Sócrates; respondeu a pítia, que não havia ninguém mais sábio. E então, quando Sócrates tomou conhecimento da resposta do oráculo à pergunta de Querefonte, refletiu, durante um bom tempo, sobre estas questões (*Apologia* 21b):

⁶ Reale, Giovanni. *Sofistas, Sócrates e socráticos menores*. Tradução de Marcelo Perine. São Paulo: Ed. Loyola, 2009, pg 90.

Que quererá dizer o deus? Que sentido oculto pôs na resposta? Eu cá não tenho consciência de ser nem muito sábio nem pouco; que quererá ele, então, significar declarando-me o mais sábio? Naturalmente não está mentindo, porque isso lhe é impossível.

Sócrates, então, resolve por à prova a resposta da pitonisa quando afirmou que ele era o homem mais sábio. E saiu examinando todos aqueles que se consideravam sábios, tais como: os poetas, oradores, políticos e artífices. Ele constatou que estava enganado, pois os que sabiam alguma coisa específica, por exemplo, o político sobre política, tornavam-se arrogantes, presunçosos e acreditavam saber todas as coisas, quando, na verdade, pouco ou nada sabiam. E foi por ter a atitude de revelar a esses homens toda a sua ignorância, que ele estava ali no tribunal, narrando todo o acontecido, responsável por provocar contra ele o ódio e as calúnias que deram origem a tais acusações: corromper a juventude e ser injusto com os deuses da cidade, investigar tudo o que há sobre a terra e nos céus dentre outros.

Mas quais seriam as procedências de tais acusações narradas por Sócrates no tribunal? O filósofo Sócrates (*Apologia* 23c-d) era seguido por jovens, das famílias mais ricas que, por isso, dispunham de tempo, o imitavam ouvindo e examinando homens. Sentiam prazer em fazer isso, era algo espontâneo. Porém, quando esses jovens revelavam aos homens que supunham saber, que pouco ou nada sabiam, os mesmos se revoltavam contra Sócrates e propagavam a calúnia que o filósofo corrompia os jovens.

Na *Apologia* (31d), Sócrates, segundo Platão, justifica a sua abstenção da política por possuir uma espécie de um deus; uma voz, que segundo o filósofo, começou a ouvir na infância. Ele explica que essa voz o fazia desviar de algumas atitudes, como por exemplo, o ingresso na política. Não o fez porque foi impedido pela voz do deus. Por revelar a crença nesse deus, Sócrates foi acusado de não crer nos deuses do Estado, e de acreditar e ensinar sobre outras divindades (*Apologia* 24c). Segundo Giovanni Reale, para elucidar ainda mais essa questão, diz:

[...] De Platão, extrai-se, ademais, que Deus, além de um cuidado genérico por todos os homens, tem um cuidado particular pelo homem bom (note-se: não para cada homem individual – tese que permaneceu estranha à grecidade – mas só pelo homem virtuoso). É natural, portanto, que no contexto dessa crença, Sócrates situasse a própria experiência do *daimónion*: trata-se ao seu ver de um particularíssimo sinal com o qual, a ele que tendia com todas as suas forças ao bem, em outras ocasiões, a Divindade providente, indicava a via certa.⁷

⁷ Reale, Giovanni. *Sofistas, Sócrates e socráticos menores*. Tradução de Marcelo Perine. São Paulo: Ed. Loyola, 2009, pg 133.

O filósofo também foi acusado de ter participado e ensinado sobre doutrinas naturais, como já havia esclarecido no início dessa tese.

Sócrates toma a decisão de colaborar com o deus, exercendo a missão de investigar todos os homens, mostrando-lhe a sua ignorância, tendo como objetivo fomentar em cada um deles a necessidade de buscar a sua autonomia, pensando por si mesmos. Mas o que seria o homem para Sócrates? “O homem para ele era a sua própria alma, porque esse seria o ponto que distinguiria o homem de tudo o que existe, ou seja, de todas as outras coisas”⁸.

Por isso, se para Sócrates, a alma era o próprio homem, ele não se cansava em investigá-los, em torná-los livres e auxiliá-los a conquistarem, assim, a sua autonomia. Para Sócrates, a alma poderia ser entendida como sede da razão, a nossa consciência pensante e operante. Quanto a isso, Giovanni Reale complementa: “Em poucas palavras: para Sócrates, a alma é o eu consciente, é a personalidade intelectual e moral”⁹.

Tomando total consciência do significado de sua missão, Sócrates se dedica integralmente ao deus e a sua nova ocupação, seu objetivo é fazer os cidadãos atenienses, cuidarem de melhorar a sua alma, abdicando dos prazeres efêmeros, ele expressa tal dedicação da seguinte forma (*Apologia* 29d-30a):

Atenienses, eu vos sou reconhecido e vos quero bem, mas obedecerei antes ao deus que a vós, enquanto tiver alento e puder fazê-lo, jamais deixarei de filosofar, de vos dirigir exortações, de ministrar ensinamentos em toda a ocasião àquele de vós que eu deparar, dizendo-lhe o que costumo: “Meu caro, tu, um ateniense, da cidade mais importante e mais reputada por sua cultura e poderio, não te pejas de cuidar de adquirir o máximo de riquezas, fama e honrarias, e de não te importares nem cogitares da razão, da verdade e de melhorar a alma?... E eu acredito que jamais aconteceu à cidade maior bem que minha obediência ao deus”.

Com a atitude de ministrar ensinamentos, Sócrates tinha como objetivo principal, fazer com que os homens assumissem um compromisso com a ética, a moral e a busca da verdade para que assim, os mesmos pudessem cuidar de sua própria alma. E no seu afã em fazer com que os homens tivessem um conhecimento da virtude, Sócrates diz (*Apologia* 30b):

Outra coisa não faço se não andar por aí persuadindo-vos, moços e velhos, a não cuidar tão aferradamente do corpo e das riquezas, como de melhorar o mais

⁸ Reale, Giovanni. *Sofistas, Sócrates e socráticos menores*. Tradução de Marcelo Perine. São Paulo: Ed. Loyola, 2009, pg 92.

⁹ Reale, Giovanni. *Ibidem*, pg 93.

possível a alma, dizendo-vos que dos haveres não vem a virtude para os homens, mas da virtude vem os haveres e todos os outros bens particulares e públicos.

Com essas palavras, o filósofo deixa claro nesse ponto do seu discurso, a existência de uma necessidade primordial de cuidar das coisas do caráter. Quando ele se refere à questão dos valores, ele está falando propriamente da questão do homem. Não os bens possuídos por este: honrarias, fortuna, filhos, dinheiro, mas o que ele é

Para Sócrates, o seu magistério, a sua pedagogia, tinha como objetivo, motivar os cidadãos a buscarem o conhecimento da virtude, **areté**. Por isso, na *Apologia* (31b), Sócrates relata a importância de persuadir os homens a cuidar da virtude:

Podeis reconhecer que sou um homem bom, um homem dado pelo deus à cidade por esta reflexão: não é conforme à natureza do homem que eu tenho negligenciado todos os meus interesses, sofrendo a anos, as consequências desse abandono do que é meu, para me ocupar do que diz respeito a vós, dirigindo-me sem cessar a cada um em particular, como um pai ou um irmão mais velho, para persuadir a cuidar da virtude.

A persuasão usada por Sócrates, não é um simples ensinar, ele usa uma racionalização que fomenta cada homem buscar o conhecimento da virtude com uma base, uma fundamentação e uma justificação. Dessa forma, tudo que foi relatado pelos discípulos de Sócrates, nos faz entender que só assim o homem poderá conquistar sua verdadeira liberdade e autonomia.

Ao exercer o seu magistério, Sócrates cria um método de perguntas e respostas. Na aplicação desse método, Sócrates dialoga e o seu objetivo maior ao aplicá-lo é evidenciar o cuidado necessário com a alma. Giovanni Reale descreve a diferença existente entre o método socrático e o método que os sofistas, adversários de Sócrates, usavam:

Não se cuida da alma do homem com arengas dirigidas a massas ouvintes, nas quais a individualidade de quem ouve é, como tal, quase totalmente descuidada e ignorada, e se não se cuida com discursos em benefícios do mestre ou quem se crê tal: da alma, da alma individual, só se cuida com diálogo, ou seja, com o logos que, procedendo por perguntas e respostas, envolve efetivamente mestre e discípulo numa experiência espiritual única de pesquisa comum da verdade.¹⁰

O método desenvolvido por Sócrates chamava-se maiêutica (**maieutiké**), a arte de fazer parto, em grego, em alusão a profissão materna de parteira. Vamos, no que segue, descrever melhor que arte é esta.

¹⁰ Reale, Giovanni. *Sofistas, Sócrates e socráticos menores*. Tradução de Marcelo Perine. São Paulo: Ed. Loyola, 2009, pg 138.

Capítulo II - Método Socrático

Definição do Método

O método socrático era desenvolvido por meio de diálogos críticos com seus interlocutores. O filósofo estabelecia dois momentos básicos, dividindo esses diálogos em: **ironia e maiêutica**. “Para interpretá-lo corretamente é preciso que nos remetamos ao novo conceito de **psyché**: A alma e o cuidado da alma”¹¹. Assim, realmente entenderemos o uso da dialética de Sócrates e a sua finalidade. O método socrático, sendo aplicado com essa finalidade, marca toda a diferença entre o método usado pelos sofistas voltado também para a problemática do homem, mas que não tinha o mesmo compromisso que Sócrates. Porque o objetivo do filósofo de cuidar da alma humana tinha uma relação com o seu compromisso assumido com o deus de Delfos.

Sócrates não tinha interesses à parte, ele queria servir única e exclusivamente ao deus (*Apologia* 33c): “Mas, repito, faço por uma determinação divina, vinda não só através do oráculo, mas também de sonhos e de todas as vias pelas quais o homem recebe ordens dos deuses”. O filósofo não se autointitulava mestre e nem tinha a intenção de apresentar discursos elaborados para se vangloriar dos mesmos. Quanto a isto, no tribunal, durante o seu discurso, ele diz, segundo Platão, na *Apologia* (33b):

Eu nunca fui mestre de ninguém, conquanto nunca me opusesse a moço ou velho que me quisesse ouvir no desempenho de minha tarefa. Tão pouco falo se me pagam, e se não me pagam, não; estou igualmente à disposição do pobre, para que me interrogue ou, se preferirem ser interrogados, para que ouçam o que digo. Se alguns deles vira honesto ou não, não é justo que eu responda pelo que jamais prometi nem ensinei a ninguém.

¹¹ Reale, Giovanni. *Sofistas, Sócrates e socráticos menores*. Tradução de Marcelo Perine. São Paulo: Ed. Loyola, 2009, pg 138.

Ironia

A ironia (do grego: eironeia: dissimulação) socrática era evidenciada pelo não saber. Nesse ponto do diálogo, Sócrates finge não saber, dissimula, é como se usasse uma máscara, como se zombasse do interlocutor. Não faz isso com a intenção de ridicularizá-lo, porém com o objetivo de despertar os homens e fazê-los refletir, por isso, Sócrates interrogava todos os seus interlocutores com a intenção de mostrar-lhes que eles pensavam saber, mas na verdade não sabiam o que pensavam saber. E sendo assim, à medida que o diálogo transcorria, ele atacava com muita habilidade, as respostas de seus interlocutores. Então, com raciocínio colocava em evidência as contradições e os novos problemas que, com certeza, iriam surgir a cada resposta.

Mas com que objetivo Sócrates fazia tudo isso? De início, ele tinha por meta principal demolir, em todos aqueles que se deixassem investigar, o orgulho, a presunção e a arrogância por pensar saber mais que os outros. Para Sócrates, a primeira virtude do sábio, seria adquirir consciência da sua ignorância. Por isso mesmo ele dizia: “só sei que nada sei”.

Sendo assim, ao empregar a ironia, Sócrates se expressava parecendo indicar o oposto do que pensava ou conhecia sobre o assunto em discussão, dessa forma, o filósofo levava o interlocutor a apresentar a sua posição, suas opiniões quanto ao assunto em discussão. No momento em que o interlocutor, que parecia seguro de si, hesitasse e caísse em contradição, com esse recurso, Sócrates levava o mesmo a reconhecer a sua própria ignorância, ou seja, a pessoa que dialogava com Sócrates se percebia como quem na verdade não sabia muito, ou muito pouco a respeito do objeto da discussão.¹²

Para Gregory Vlastos, a ironia socrática poderia ser definida como uma ingenuidade hipócrita, ou seja, uma nova forma de ironia, não existente na literatura grega. Segundo ele, seria uma ironia mais complexa, não comparada à ironia no seu sentido mais utilizado, uma ironia mais simples; ele faz a seguinte distinção para que fique mais claro: uma ironia simples seria aquela que dá um sentido diferente do usual, porém na complexa, o sentido é de todo ambíguo, ou seja, verdadeiro por um lado e falso pelo outro.

¹² Marcondes, Danilo. *Iniciação à história da Filosofia dos Pré-socráticos a Wittgenstein*. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2010, pg 47- 48.

Vlastos define o Sócrates irônico, como um homem que vive atrás de uma máscara, uma figura enigmática, um homem que ninguém conhece. Porém, não quer dizer que o filósofo usava de tal recurso para enganar, porque ser reservado e enganador não seriam, para Vlastos, a mesma coisa. Essa atitude seria semelhante ao esconder e não ao iludir. Quanto a essa figura enigmática apresentada pelo filósofo na ironia, Vlastos cita a personagem Alcibíades no *Banquete* de Platão (216c-d) ao descrevê-lo: “[...] Pois fiquei sabendo que ninguém o conhece”. Para entender melhor a fala de Alcibíades, quanto à descrição do Sócrates irônico, citarei uma parte maior do mesmo trecho (*Banquete* 216c-d):

[...] De seus flauteios então, tais foram as reações que eu e muitos outros tivemos deste sátiro; mas ouvi-me como ele é semelhante àqueles com quem o comparei, que poder maravilhoso ele tem. Pois fiquei sabendo que ninguém o conhece; mas eu o revelarei, já que comecei. Estais vendo, com efeito, como Sócrates amorosamente se comporta com os belos jovens, está sempre ao redor deles, fica aturdido e como também ignora tudo e nada sabe.

Com isso, Sócrates através da ironia, o fazia passar por um processo de revisão de suas afirmações mal estruturadas, confusas e vazias, transformando o seu modo de ver as coisas e permitindo com que o interlocutor pudesse, por si mesmo, buscar o conhecimento verdadeiro. No diálogo *Teeteto* (210c), há uma definição precisa sobre esse momento da ironia descrito acima, quando Sócrates diz:

Mas, Teeteto, se você voltar a conceber, estará mais preparado após esta investigação, ou ao menos terá uma atitude mais sóbria, humilde e tolerante em relação aos outros homens, e será suficientemente modesto para não supor que sabe aquilo que não sabe.

Sócrates nessa parte do diálogo, não tem como intenção destruir o conteúdo de todas as respostas dadas pelos seus interlocutores, mas fazê-los tomar consciência realmente de suas próprias respostas, das consequências que poderiam ser tiradas a partir de suas reflexões, na maioria das vezes, repletas de conceitos vagos e imprecisos, que os mesmos não se davam conta.

Um ponto importante a ser ressaltado, durante o diálogo de Sócrates com seu interlocutor, seria a conduta adotada pelo filósofo: não afirmar se existia definição correta, até porque ele alegava não possuir nenhum saber. No fluir do diálogo, o filósofo fará com que seu interlocutor, ao cair em contradição, no momento da dúvida, da indecisão quanto as suas respostas (aporia: em grego: impasse, incerteza) – ele que demonstrava tanta segurança quanto ao seu conhecimento – repense, reflita, a partir de então, sobre suas

opiniões em tudo o que julgava acreditar e, nesse processo de revisão, busque por si mesmo, no seu íntimo, seu verdadeiro conhecimento.

No diálogo *Mênon* (70a-72b), no qual o tema é o ensinamento da virtude, nos é dado um exemplo de como Sócrates terminava seus diálogos (aporéticos), porque ao responder a questão: o que é a virtude? Mênon, muito seguro de sua resposta, não reflete sobre a pergunta e responde sobre os tipos de virtude. Podemos perceber que Mênon não dá a definição de virtude, por isso, mesmo que tenha respondido, Sócrates rejeita a sua resposta porque não a considera como suficiente para tal questão. O objetivo de Sócrates, ao voltar à questão inicial, seria com a finalidade de fazer com que Mênon entendesse que mesmo sendo muitas as virtudes e de vários tipos, deveria existir algo em comum entre elas, que fizesse de todas elas virtudes. Ele não queria exemplo, e sim o conceito de virtude, agindo assim Sócrates tinha como intenção, fazer com que seu interlocutor pensasse, mas, principalmente, que pensasse por si mesmo.

No diálogo *Teeteto*, a pergunta ao interlocutor não é mais relacionada ao saber ético que conduz a virtude como no *Mênon*, mas é direcionada para o conhecimento. Sócrates pergunta ao jovem Teeteto: o que é o conhecimento? (146c); Teeteto enumera várias disciplinas e afazeres, dentre elas, a arte dos sapateiros. Sócrates chama-lhe atenção, para que perceba o que desejaria saber: a definição do conhecimento em si e não a enumeração de suas formas. Ao continuar o diálogo, Sócrates mostra a Teeteto (148d) que o mesmo deveria se esforçar para encontrar as explicações das coisas, assim como o assunto em questão: o que é o conhecimento? Nesse momento, Sócrates se apresenta como parteiro (148d-151d), um facilitador diante de toda a ansiedade do jovem Teeteto, que traz dentro de si o fruto concebido, porém necessita do auxílio do parteiro Sócrates, mesmo estéril por não possuir nenhum saber, estando apto a conduzi-lo na concepção do mesmo. O diálogo termina em aporia, essa impossibilidade de concluir o assunto numa conversa terminada por Sócrates sugere que o conhecimento é inapreensível, por isso, a sua busca deve ser constante.

Quanto a aporia presente nos diálogos socráticos, Manoel García Morente, define o seguinte:

Nenhum dos diálogos de Sócrates que nos conservou Platão – onde reproduz com bastante exatidão os espetáculos ou cenas que presenciara – consegue chegar a uma solução satisfatória; todos se interrompem, como dando a entender

que o trabalho de continuar perguntando e continuar encontrando dificuldades, interrogações e mistérios na última definição dada, não pode acabar nunca.¹³

Maiêutica

Então, uma vez, libertos de todo o orgulho e pretensão de saber, agora, os discípulos podiam trilhar um novo caminho: o da reconstrução das suas próprias ideias. E, com toda a habilidade, Sócrates propunha uma série de novas questões. Nessa parte do diálogo, Sócrates se autodenominava “parteiro”, mas de ideias, porque tinha como objetivo principal ajudar os discípulos a conceberem suas próprias ideias. Nesse momento, ele fazia uma alusão à profissão de sua mãe Fenareta (*Teeteto* 148a). Por isso, esse momento do diálogo socrático, recebe o nome de maiêutica, porque se destina à concepção de ideias e, em grego, esse termo significa “arte de fazer parto”. Um exemplo da “arte do parto”, da qual Sócrates se refere, está bem definida na passagem do diálogo *Teeteto* (150a-c): “A minha arte obstétrica tem atribuições iguais às das parteiras, com diferença de eu não partejar mulher, porém homens, e de acompanhar as almas, não os corpos, em seu trabalho de parto”.

Como sua mãe, que era parteira, assim também Sócrates julgava ser destinado a não produzir o conhecimento, porém parturejar as ideias provindas de seus interlocutores. Sendo a parteira grega, uma mulher que já não podia mais procriar, era estéril, e por isso, dava a luz aos corpos de outra fonte, julgando serem belos ou não, Sócrates diz o seguinte nesta passagem no *Teeteto* (150c):

[...] Neste particular, sou igualzinho às parteiras: estéril em matéria de sabedoria, tendo grande fundo de verdade a censura que muitos me assacam, de só interrogar os outros sem nunca apresentar opinião pessoal sobre nenhum assunto, por carecer, justamente, de sabedoria. E a razão é a seguinte: a divindade me incita a partejar os outros, porém me impede de conceber.

Por ter desenvolvido o método maiêutica e não ter isentado ninguém de suas interrogações, Sócrates adquiriu muitos inimigos. A procedência dessas inimizades era a soberba dos homens, que ao serem interrogados pelo filósofo, não admitiam sua ignorância e o acusavam de confundir-lhes as ideias, deixando-os fora de seu juízo normal (*Mênon* 80a-b):

¹³ García Morente, Manuel. *Fundamentos da Filosofia I: lições preliminares*. Tradução de Guillermo de la Cruz Coronado. São Paulo: Ed. Mestre Jou, 1980, pg 38.

Mênon – Sócrates, mesmo antes de estabelecer relações contigo, já ouvia (dizer) que nada fazer senão caíres tu mesmo em aporia, e levores também outros a cair em aporia. E agora, está me parecendo, me enfeitiças e drogas, e me tens simplesmente sob completo encanto, de tal modo que me encontro repleto de aporia. E, se também é permitida uma pequena troça, tu me pareces, inteiramente, ser semelhante, a mais não poder, tanto pelo aspecto como pelo mais, à raia elétria, aquele peixe marinho achatado. Pois tanto ela entorpece quem dela se aproxima e a toca, quanto tu pareces ter-me feito agora algo desse tipo. Pois verdadeiramente eu, de minha parte, estou entorpecido, na alma e na boca, e não sei o que te responder. E, no entanto, sim, miríades de vezes, sobre a virtude, pronunciei numerosos discursos, para multidões, e muito bem, como pelo menos me parecia. Mas agora, nem sequer o que ela é, absolutamente, sei dizer. Realmente, parece-me teres tomado uma boa resolução, não embarcando em alguma viagem marítima, e não te ausentando aqui. Pois se, como estrangeiro, fizesses coisas desse tipo em outra cidade, rapidamente serias levado ao tribunal como feiticeiro.

Neste trecho do diálogo *Mênon* de Platão, a personagem homônima ao diálogo, é um interlocutor em crise, porque as suas ideias foram confundidas por Sócrates, que segundo ele era um homem que vivia em contínua **aporia**. A princípio os interlocutores de Sócrates, assim como Mênon, pensando tudo saber, têm plena segurança e certeza que vão responder corretamente todas as perguntas feitas pelo filósofo. No momento, em que se segue o diálogo, ao terem suas ideias ofuscadas pela falta de novas certezas, nas quais pudessem se agarrar no momento da **aporia**, acusam Sócrates de ser um feiticeiro, um impostor. Consequentemente, Sócrates adquiriu muita aversão e inimizades desses homens e adquiriu a fama de ser um semeador de dúvidas.

No exercício de sua missão, o que interessava a Sócrates eram, sobre tudo, as questões morais que afetava a alma de todos cidadãos atenienses impedindo-os, de adquirir o conhecimento da virtude (**areté**). Por isso, Sócrates com a questão “o que é x?”, tinha por finalidade expor a ignorância dos cidadãos da cidade tanto amada, Atenas. Iniciava sua abordagem fazendo uma pergunta como: “O que é a justiça? O que é a coragem?”. E, a partir daí, passava a examinar as limitações de tais questões, porque ele não queria uma resposta sobre os atos praticados com base na justiça e nem nos atos corajosos. Ele queria o conceito de justiça e de coragem. Manoel García Morente quanto a isto diz:

O que Sócrates pede com afã aos cidadãos de Atenas é que lhe dêem o logos da justiça, o logos da coragem. Dar e pedir o logos é a operação que Sócrates pratica diariamente pelas ruas de Atenas. Pois que é este logos senão o hoje denominamos conceito? Este é o conceito. Quando Sócrates pede o logos, quando pede que indiquem qual o logos da justiça, o que é a justiça, o que pede é o conceito de justiça, a definição da justiça. Quando pede o logos da coragem, o que pede é o conceito da coragem. Mas, para Sócrates, o interesse fundamental da filosofia era a moral: Chegar a ter das virtudes e da conduta do homem conceitos tão puros e tão perfeitos, que a moral pudesse ser apreendida e ensinada, como se aprende e se ensinam as matemáticas, e que por conseguinte

ninguém fosse mal. Porque a convicção de Sócrates é que aquele que é mal é porque não sabe.¹⁴

Todo o empenho de Sócrates, demonstrado até aqui, tinha um objetivo: que o homem pudesse cuidar de sua alma, que adquirisse o conhecimento da virtude e assim, conquistasse a sua autonomia, expressando as suas próprias ideias e cuidando de si mesmo. Para isso, os seguidores de Sócrates tinham conhecimento de sua doutrina, apresentado como pontos básicos: “conheça-te a ti mesmo” (**gnôthi seautón**) e “cuide de ti mesmo” (**epimeléia heautoû**).

Capítulo III - Doutrina Socrática: “conheça-te a ti mesmo” e “cuide-te de ti mesmo”

Ao se considerar investido pelo deus de Delfos e mudar a sua vida de forma radical, Sócrates tem como objetivo principal que cidadãos atenienses obtenham o conhecimento da virtude e assim, conheçam a si mesmos e cuidem de si mesmos. Durante a *Apologia*, mesmo condenado à morte, Sócrates põe em evidência a importância do cuidado com a virtude, ao se dirigir aos juízes que não viram razões para condená-lo, ele faz um pedido (41d-42a):

Contudo, só tenho um pedido que lhes faço: quando meus filhos crescerem, castigai-os, atormentai-os com os mesmíssimos tormentos que eu vos infligi, se achardes que eles estejam cuidando mais da riqueza ou de outra coisa que da virtude; se estiverem supondo ter um valor que não tenham, repreendei-os, como vos fiz eu, por não cuidarem do que devem e por suporem méritos, sem ter nenhum. Se vós o fizerdes, eu terei recebido de vós justiça; eu, e meus filhos também.

Cuidando da virtude, todo homem, com certeza, segundo Sócrates, teria condições de ter o conhecimento de si próprio e com isso cuidariam de si próprios também. Quando o homem tem o conhecimento de si próprio, não quer dizer propriamente que seja o conhecimento do corpo ou do seu nome, mas o conhecimento da sua própria alma. Todos os princípios difundidos na doutrina socrática se resumiam nessas proposições: “conheça-te a ti mesmo” e “cuide de ti mesmo”.

¹⁴ García Morente, Manuel. *Fundamentos da Filosofia I: lições preliminares*. Tradução de Guillermo de la Cruz Coronado. São Paulo: Ed. Mestre Jou, 1980, pg 87.

Xenofonte, em *Memoráveis IV* (capítulo II, 24 - 40), narra um diálogo de Sócrates e Eutidemo, que era o homem com costume de se vangloriar de ter recebido excelente educação, de possuir vasta coleção de livros e de ter planos para fazer parte de um cargo importante no Estado. Com esse homem, Sócrates dialoga sobre vários assuntos, inclusive, sobre a questão do autoconhecimento, no seguinte trecho:

Sócrates – Dize-me, Eutidemo, já estiveste em Delfos?

Eutidemo – Duas vezes, por Júpiter!

Sócrates – Então leste a inscrição gravada no templo: Conhece-te a ti mesmo?

Eutidemo – Li

Sócrates – Não deste importância ao conselho ou aceitaste e diligenciaste saber quem és?

Eutidemo – Por Júpiter! Então não havia de conhecer-me a mim mesmo?! Difícil me fora aprender outra coisa, se a mim próprio me ignorasse.

Sócrates – Então pensas que conhecer-se a si mesmo seja saber como se chama? Assim como não crêem os compradores de cavalos conhecer o animal que desejam comprar antes de verificarem se é dócil ou empacador, forte ou fraco, ligeiro ou lerdo, enfim, todas as boas ou más qualidades de uma cavalgadura, não deve pensar-se a própria capacidade para se saber quanto se vale?

Eutidemo – Efetivamente, parece-me que não conhecer o próprio valor é ignorar-se a si mesmo.

Sócrates – Não é evidente ser esse conhecimento de si mesmo fonte de infinidade de bens, enquanto milhares de males acarreta a visão zarolha das próprias possibilidades? Os que se conhecem assim mesmo sabem o que lhes é útil e distinguem o que podem do que não podem fazer [...] Ao contrário os que não conhecem a si mesmo e ignoram o próprio valor não julgam melhor os homens que as coisas humanas. Não sabem nem o que lhes cumpre fazer, nem como o fazem. A respeito de tudo iludidos, deixam escapar a felicidade...

Eutidemo – Eu estou plenamente de acordo, Sócrates, – conveio Eutidemo – ser da máxima importância o conhecer-se a si próprio. Mas por onde comesças o exame? Serei todo ouvidos se quiseres me ensinar.

Sócrates pregava a importância do autoconhecimento, porque sabia que muitos homens pensavam conhecer-se mas, na verdade, nunca fizeram um exame interior, por julgarem os conhecimentos do próprio nome, do corpo, suficientes para as pessoas se autoconhecerem. E assim, ele fez com Eutidemo, mostrou-lhe que muitos pensam conhecer-se, agem mal, deixando escapar a própria felicidade. Para Sócrates, conhecendo-se a si mesmo, o homem conheceria a sua própria alma e, com certeza, investiria sempre no propósito de torná-la melhor e assim, alcançar o objetivo mais importante, com todo esse empenho, um encontro com a felicidade (**eudaimonia**).

Para Sócrates, então, quanto mais conhecimento o homem tivesse de si próprio, mais chance teria de melhorar a sua alma e assim, prosseguindo, chegaria a se tornar

ótimo. No diálogo *Alcibíades Maior*, é retratado a importância do conhecer a si mesmo para podermos ter uma definição de quem somos (128d-130e):

Sócrates – Vamos, diga-me, com que arte podemos cuidar de nós mesmos.

Alcibíades – Não saberei dizer.

Sócrates – Nisso, contudo, estamos de acordo: não com uma arte com a qual poderemos tornar melhores qualquer uma das nossas coisas, mas com a arte que tornará melhores a nós mesmos?

Alcibíades – É verdade.

Sócrates – Ora, teríamos conhecido qual a arte que torna melhor os calçados, se não conhecêssemos o calçado?

Alcibíades – Impossível.

Sócrates – Nem a arte que torna melhores os anéis, se ignorássemos o anel?

Alcibíades – É verdade.

Sócrates – E então? Jamais poderemos saber qual é a arte de tornar melhores a nós mesmos, se ignoramos o que nós mesmos somos.

Alcibíades – Impossível.

Sócrates – E, portanto, conhecer a si mesmo é uma coisa fácil e era talvez o homem qualquer aquele que, no templo de Delfos consagrou aquele mote? Ou é, ao invés, uma coisa difícil e não para todos?

Alcibíades – A mim, Sócrates, amiúde pareceu ser coisa de todos normalmente difícilíssima.

Sócrates – Mas, ó Alcibíades, fácil ou não, para nós é assim: se nos conhecermos, saberemos talvez também qual é o cuidado que devemos ter com nós mesmos; se não nos conhecermos, jamais o saberemos.

Alcibíades – Assim é.

Sócrates – Diga-me, pois, de que modo, poder-se-ia encontrar o que é esse “si mesmo”?

Sócrates – [...] E não se serve o homem de todo o corpo?

Alcibíades – Certo.

Sócrates – Mas, não dissemos que uma coisa é quem se serve de algo, outra coisa é aquilo de que ele se serve?

Alcibíades – Sim.

Sócrates – Uma coisa, portanto, é o homem, outra o seu corpo.

Alcibíades – Parece que sim.

Sócrates – Que é, pois, o homem?

Alcibíades – Não sei dizer.

Sócrates – Isso, porém, podes dizer, que ele é o que se serve do corpo.

Alcibíades – Sim.

Sócrates – E o que é que se serve do corpo se não a alma?

Alcibíades – Não é outra coisa [...].

Sócrates – A alma, portanto, nos ordena conhecer quem nos admoesta: “conheça-te a ti mesmo”.

Na passagem do diálogo de Platão *Alcibíades Maior*(128d-130e), Sócrates conceitua o corpo como instrumento da alma, ou seja, o homem se serve do corpo, porém a alma exerce um papel de grande importância, porque se dela nos descuidarmos, não teremos como nos autoconhecermos, permanecendo assim, na ignorância. O que Sócrates está querendo deixar evidente para Alcibíades, no diálogo, é que: a única coisa importante para qual ele deve se voltar, é para o cuidado de si mesmo, ou seja, o cuidado de sua própria alma.

Para Sócrates, o mais importante seria difundir a sua doutrina baseada essencialmente no ponto sempre enfatizado: “conheça a ti mesmo” e “cuide de si mesmo”, que quer dizer, cuide da própria alma. Podemos chegar à conclusão que para Sócrates, a essência do homem está na sua própria alma. É importante então, aprimorar cada vez mais a busca por essa essência, sem a qual não seria possível se o mesmo não tivesse o conhecimento da virtude.

No diálogo com Eutidemo, Sócrates, mostra claramente que os homens erram pela falta de conhecimento porque, para Sócrates, o conhecimento tem um valor supremo, portanto, é a partir do mesmo que a alma pode ser do modo como deve ser e, com isso, há uma realização do homem porque a sua essência está na alma. Quando Sócrates é tocado pelo episódio do oráculo, ele não mede esforços para ressaltar a importância do cuidado necessário com a alma, para o homem poder conquistar a sua autonomia e assim, tornar-se livre.

A importância do cuidado com a alma

Toda doutrina socrática tem como propósito um cuidado com a alma, com a conversão do homem, para estabelecer uma verdadeira mudança em sua vida. Na sua apologia, à medida que seu discurso vai transcorrendo, Sócrates evidencia que todo o seu empenho é devido ao compromisso com o deus Apolo em despertar os cidadãos para a necessidade do cuidado com a alma. Mas por quê? Porque, para Sócrates, a alma era o próprio homem, por isso ele não hesitou em cumprir a sua missão até o fim, mesmo isso lhe custando à própria vida. Através dos seus preceitos, saía pelas ruas de Atenas, interrogando todos os cidadãos sem fazer distinção de classe social ou sexo.

O preceito délfico “conheça-te a ti mesmo” foi o ponto de partida para exortar os atenienses a buscarem o autoconhecimento, saindo da ignorância para valorizarem a importância da alma e estarem aptos a cuidar de si mesmo. A doutrina socrática, sendo aplicada dessa forma, adquiria um caráter subversivo, porque os argumentos da razão postulados por ele evocavam novos valores que iam de encontro com os tradicionais. E assim, surgiria então uma nova Pólis e, com certeza, os cidadãos poderosos do Estado sentir-se-iam incomodados com o filósofo por ele ter alertado o povo ministrando-lhes ensinamentos com esse propósito.

Sócrates era veemente, renitente e, por isso, renunciou a si próprio para cumprir a sua missão de guiar os cidadãos no sentido de transformar a sua alma através do conhecimento da virtude. O que mais marca no cumprimento da missão socrática é a sua determinação: ele pregava incansavelmente pelas ruas de Atenas sem temer qualquer represália, tudo isso, com a finalidade de transformar, a cidade que ele tanto amava, com seu senso crítico em uma Pólis mais justa para o povo ateniense. Tudo isso está explicitado nesta passagem, quando ele diz na *Apologia* (30b-c):

Se com esses discursos corrompo a mocidade, seriam nocivos esses preceitos; se alguém afirmar que digo outras coisas e não essas, mente. Por tudo isso, atenienses, diria eu, quer atendais a Anito, quer me dispenseis, quer não, não ei de fazer outra coisa, ainda que tenha de morrer muitas vezes.

Com os seus discursos, Sócrates faz uma revolução, porque até então os valores tradicionais eram ligados ao corpo: o vigor, a beleza, a saúde e também os bens exteriores possuídos pelos homens, como: riqueza, fama e poder. E assim, quando a alma assume uma superioridade na posição hierárquica com relação ao corpo, tal como Sócrates pregava, o homem passa a ser identificado com a alma e não mais com o corpo.

No diálogo *Fédon* (64a-67b), que narra os últimos momentos de vida de Sócrates, a discussão se concentra na questão da morte, da alma e do corpo. Sócrates faz um apelo ao cuidado com a alma, ele instrui aqueles com quem dialoga quanto a essa questão. O diálogo é em torno do desprendimento das coisas materiais. O filósofo, diz ele, deve dedicar-se não aos prazeres materiais como: vestir-se bem, comer, beber, ter/desejar. Deve buscar tais coisas por necessidade e não por prazer. Por essa razão, deve voltar-se para os cuidados com a alma, voltar-se para o imaterial, isto é, buscar a verdade e o conhecimento, para que pudessem então expressar suas próprias opiniões que seriam frutos de seu próprio pensar. O cuidado com a alma levaria o homem a conquista de sua autonomia e, sendo assim não ficaria atrelado a mais ninguém.

Em Sócrates é estabelecida pela primeira vez, a natureza espiritual da alma (**psyché**)¹⁵. Diferentemente dos seus predecessores, Sócrates, manteve a unidade do homem, sem desassociar a alma da inteligência e, portanto, da personalidade consciente e inteligente. Com isso, o homem na definição de Sócrates, nada mais é do que a sua própria alma. Ela conserva o que melhor pode existir no homem, a sua capacidade de pensar. Quanto isso, Giovanni Reale complementa:

A vida do homem adquire o seu justo sentido só agora, porque a própria “vida órfica” e a “vida pitagórica” com sua doutrina da “purificação”, em substância, tendiam a purificar uma alma-demônio que era diferente do eu, da consciência, do sujeito, cindindo assim e dilacerando a unidade do homem.¹⁶

Assim durante a apologia, Sócrates demonstra por várias vezes, a importância do cuidado da alma, abdicando das paixões, de tudo o que é ilusório e efêmero. Tudo que é prazeroso ao corpo nos distanciaria da alma. O corpo seria um grande obstáculo para o homem adquirir a sua autonomia, porque essa só seria possível, com a saída da ignorância e, permanecendo apegado a todos os prazeres, o corpo poderia proporcionar segundo Sócrates, dessa forma, o homem estaria cada vez mais distante do conhecimento. E no diálogo *Fédon*, Sócrates descreve o corpo como obstáculo para adquirir o conhecimento da alma (66c-66d):

O corpo de tal modo nos inunda de amores, paixões, temores, imaginações de toda a sorte, enfim, uma infinidade de bagatelas, que por seu intermédio (sim, verdadeiramente é o que se diz), não receberemos na verdade nenhum pensamento sensato; não, nenhuma vez sequer! Vede, pelo contrário, o que ele nos dá: nada como o corpo e suas concupiscências para provocar o aparecimento de guerras, dissensões, batalhas, com efeito, na posse de bens é que reside toda origem de todas as guerras, e, se somos irresistivelmente impelidos a amontoar bens, fazemo-lo por causa do corpo, de quem somos míseros escravos!

E ainda, com relação a essa questão do corpo como obstáculo para o enriquecimento da alma, Sócrates, diz ser esse o motivo pelo qual seríamos impedidos de filosofar (*Fédon* 66d). E quem poderia libertar os homens impedidos de filosofar? Segundo Sócrates, seriam àqueles que mais desejavam a separação corpo/alma, seriam os que se dedicam à filosofia. Esse seria o exercício do filósofo, e foi o que ele, Sócrates, fez ao exercer seu magistério durante toda sua vida até a sua morte.

No diálogo *Fédon* são narrados os últimos momentos de vida de Sócrates, ele deixa claro que o exercício do filósofo seria libertar a alma do corpo, afastá-la. Esse era o propósito de toda a sua pedagogia, de todo o seu empenho em demonstrar para o

¹⁵ Reale, Giovanni. *Sofistas, Sócrates e socráticos menores*. Tradução de Marcelo Perine. São Paulo: Ed. Loyola, 2009, pg 92.

¹⁶ Reale, Giovanni. *Ibidem*, pg 93.

homem a possibilidade de abdicar de tudo que pudesse impedi-lo de tornar melhor sua alma. Sócrates se empenhou muito para isso, porque era um filósofo e entendia o seu papel e a sua função em mostrar aos homens a importância da persistência com relação ao cuidado com a alma. Se o homem conseguisse ter esse domínio, então, com certeza, a alma estaria a salvo. Ela estaria liberta e o filósofo então teria cumprido seu papel.

A preocupação de Sócrates seria, ao meu ver, com o destino da alma de cada homem, por isso ele estimulava o conhecimento, instrumento fundamental, para libertação da alma. Ele sabia que se o homem não se esforçasse para isso, sua alma não teria um bom destino, e se o homem não saísse da ignorância, como conquistaria um bom destino para sua alma? Por isso, com toda essa luta de Sócrates, ele não media esforços, era incansável.

Na passagem 82b do diálogo *Fédon*, em que dialoga com Sírmias e Cébes, ele diz: “Os mais felizes... serão aqueles cujas almas não de ter um destino e lugar mais agradáveis, serão aqueles que sempre exerceram essa virtude social e cívica que nós chamamos de temperança e de justiça...”. Por isso, para definir todo o empenho que Sócrates exerceu o seu magistério com intuito de instruir os homens a se voltarem para o cuidado com a própria alma, Giovanni Reale descreve bem a atuação de Sócrates durante o tempo dedicado ao magistério: “Filosofar para Sócrates, significava: examinar, provar, curar, purificar a alma. Portanto, o valor infinito da alma de cada homem era o pilar fundamental da filosofia e da educação socrática” ¹⁷.

¹⁷ Reale, Giovanni. *Platão*. Tradução de Marcelo Perine. São Paulo: Ed. Loyola, 2007, pg 25

Conclusão

Em minha opinião, a forma encontrada por Sócrates para enfrentar o governo da época foi exercendo a sua pedagogia, porque sendo um filósofo crítico, acredito que ele não ficaria alheio às questões que envolviam os homens da cidade amada: Atenas. Por isso, ele enfrentou o Estado por perceber a manipulação dos cidadãos pelo mesmo, estes, por sua vez, eram incapazes de ir contra tal manipulação. Os políticos ao notarem a perspicácia do filósofo para perceber e agir contra toda a conduta dos mesmos, o caluniam e o levam a julgamento seguido de morte.

Penso que, independente do episódio do oráculo do deus de Delfos narrado por Platão na *Apologia*, Sócrates por ter as características de ser um filósofo crítico e agir com muita perspicácia, diante de tanta injustiça tomaria outra medida que poderia não estar relacionada com o episódio do oráculo. Ele com certeza sairia em defesa dos cidadãos alienados por falta de conhecimento e, assim, não percebiam a manipulação dos homens que os representavam no poder. Pois homens, tais como: Meleto, Ânito e Licão, diante de um povo que não se rebelava, por falta de conhecimento, agiam da forma que melhor lhes conviessem e nunca em benefício dos interesses do povo.

Por isso, os ensinamentos ministrados por Sócrates, tinham como objetivo: despertar em cada cidadão ateniense o autoconhecimento, porque conhecendo a si mesmo, os homens teriam como cuidar daquilo considerado por Sócrates como sendo o mais importante: a própria alma. Portanto, com essa forma de agir, Sócrates estaria indo de encontro com os propósitos dos governantes daquela cidade-Estado. Com esse objetivo, Sócrates cria o método maiêutica com a intenção de libertar os homens de tudo o que pensavam saber e, por serem ignorantes, não sabiam. Sendo assim, o método significava o início da saída da ignorância, que fique bem claro, se o interlocutor assim o permitisse, senão o método não poderia ser empregado. Para mim, é muito importante o esclarecimento desta parte, porque no *Teeteto* há uma referência a esse sentido quando Platão fala das almas não grávidas da verdade, ou seja, nem todos os interrogados reconheciam a ignorância, recusando continuar recebendo os ensinamentos socráticos. É importante ressaltar que Sócrates também se autoexaminava constantemente, isso deixa claro que o método era um exercício contínuo e que o conhecimento é uma busca constante.

Ao começar a minha pesquisa, me perguntava: “Porque será que Sócrates não se candidatou a um cargo político para representar o povo? Como poderia, com toda sua prática e perspicácia, ser apolítico?”; porém ao analisar os relatos de Platão na *Apologia*, minhas questões foram sendo esclarecidas, como por exemplo, a razão pela qual Sócrates se absteve da política, seria porque os membros do governo exerciam práticas políticas que não estavam em consonância com as ideias preconizadas pelo filósofo. Quanto a isso, ele esclarece (31e):

Atenienses: se há muito eu me tivesse voltado à política, há muito estaria morto e não teria sido nada útil a vós nem a mim mesmo. Por favor, não vos doam as verdades que digo; ninguém se pode salvar quando se opõe bravamente a vós ou a outra multidão qualquer para evitar que aconteça na cidade tantas injustiças e ilegalidades; quem se bate deveras pela justiça deve necessariamente, para estar embora por pouco tempo, atuar em particular e não em público.

O próprio Sócrates reconhece que para persuadir os cidadãos da cidade de Atenas a praticar o bem, a buscarem o conhecimento da virtude (**areté**) e cuidarem da alma (**psyché**), não poderia participar das práticas que aqueles homens pregavam e exerciam. Era tudo oposto ao que o filósofo se comprometeu no exercício de sua missão. Agindo da forma relatada por Platão em sua *Apologia*, Sócrates não poderia ser classificado como homem apolítico, ao contrário, foi por agir em prol de uma Pólis mais justa, mais crítica e consciente do seu pensar e agir, que o filósofo, ao exercer sua pedagogia deu um exemplo de um homem totalmente envolvido com a política educacional daquela cidade.

Sócrates foi um revolucionário mesmo não tendo usado de força física, mas de sua palavra, usou de persuasão, essa foi a sua arma. Ele não fez distinção de pessoas, nem de sexo, nem classe social. Ele permitiu a todos os homens a possibilidade de saírem da ignorância e terem contatos com a filosofia e a partir daí, mudassem os valores adquiridos até então. Cícero, em sua obra *Tusculanae Disputationes* (livro 5, capítulo 4), descreve a missão pedagógica do filósofo Sócrates, da seguinte forma: “Ele foi o primeiro a tirar a filosofia do pedestal, e a estabelecê-la nas cidades, e a introduzi-la nas casas das pessoas e as forçá-las a investigar a vida comum, a ética, o bem e o mal.”

Durante os quatro anos de curso, tive que conviver com questões difíceis que me levaram a tomar decisões, mudando o curso da minha história. Estava presa a um viver que me entristecia, me oprimia e durante minha pesquisa, li uma citação do Giovanni Reale sobre a mensagem de liberdade e de libertação com relação à revolução socrática da tábua de valores, tal mensagem me remeteu ao que eu estava vivendo contribuindo

para uma reflexão mais profunda da minha própria vida, dando-me condições para tomar uma decisão quanto ao que me afligia. Eis a citação:

A revolução socrática da tábua de valores, como vimos, é baseada na descoberta da psyché como essência do homem e na consequente afirmação de que os valores supremos são os valores da alma [...] O segredo da felicidade está inteiramente em nós: está na nossa alma, está na nossa autarquia, está no nosso não depender das coisas dos outros: está no não-ter-necessidade-de-nada.

Pretendo, assim como o filósofo Sócrates, me autoexaminar. Será um exercício constante em minha vida, porque essa era a finalidade de seu método (Apologia 38a): “[...] vida sem exame não é digna de um ser humano”.

Enfim, toda a pedagogia de Sócrates, tem uma relação com as palavras do oráculo: “conheça-te a ti mesmo”. Esse é o ponto de partida de toda a sua prática pedagógica, porque só dessa forma o homem poderia cuidar de sua alma, cuidar de si mesmo e com isso, conquistaria a sua autonomia, sendo um cidadão livre em busca da felicidade.

Bibliografia

Aristófanis. *Os pensadores, Volume II, As Nuvens*. Tradução de Gilda Maria Reale Starzynski. São Paulo: Ed. Abril, 1972.

Cazavechia, William R. e Tada, Elton V. S. *Sócrates e o Método Maiêutico*.
<<http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2006/anaisEvento/docs/CI-226-TC.pdf>>

Cícero. *Tusculanae Disputationes*.
<<http://www.philaletheians.co.uk/Study%20notes/Down%20to%20Earth/Cicero%27s%20Tusculan%20Disputations%20-%20tr.%20Yonge.pdf>>

García Morente, Manuel. *Fundamentos da Filosofia I: lições preliminares*. Tradução de Guilherme de la Cruz Coronado. São Paulo: Ed. Mestre Jou, 1980.

Law, Stephen. *Filosofia*. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges: Ed. Zahar, 2011.

Marcondes, Danilo. *Iniciação à história da Filosofia dos Pré-socráticos a Wittgenstein*. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2010.

Marcondes, Danilo e Franco, Irley. *A Filosofia: O que é? Para que serve?* Rio de Janeiro: Ed. Zahar: Ed. PUC-Rio, 2011.

Marcondes, Danilo e Japiassú, Hilton. *Dicionário Básico de Filosofia*. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2008.

Meinberg, Marly. *Sócrates e a Individualidade da Alma: um estudo sobre a Autachéia socrática*.

<<http://revistas.pucsp.br/index.php/hypos/article/viewFile/18301/13617>>

Platão. *Mênon*. Texto estabelecido e anotado por John Burnet; tradução de Maura Iglésias. Rio de Janeiro: Ed. Loyola: Ed. PUC-Rio, 2001.

Platão. *Os pensadores, Volume II, Defesa de Sócrates*. Tradução de Jaime Bruna. São Paulo: Ed. Abril, 1972.

Platão. *Os pensadores, Volume III, Diálogo Fédon*. Tradução de Jaime Bruna. São Paulo: Ed. Abril, 1972.

Platão. *Diálogos, Volume IX, Diálogo Teeteto*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Belém: Universidade Federal do Pará, 1973.

Ramos Filho, José Silva. *Acerca da noção de conhecimento em Platão*.

< http://www.sbpcnet.org.br/livro/63ra/conpeex/pivic/trabalhos/JOSE_SIL.PDF>

Reale, Giovanni. *Platão*. Tradução de Marcelo Perine. São Paulo: Ed Loyola, 2007.

Reale, Giovanni. *Sofistas, Sócrates e socráticos menores*. Tradução de Marcelo Perine. São Paulo: Ed. Loyola, 2009.

Schiappa de Azevedo, Maria Teresa. *Da maiêutica socrática à maiêutica platônica*.

< http://www.uc.pt/fluc/eclassicos/publicacoes/ficheiros/humanitas55/15_Azevedo.pdf>

Vlastos, Gregory. *Socrates: Ironist and Moral Philosopher*. Melbourne, Austrália: Cambridge University Press, 1991.

Xenofonte. *Oeconomicus*.

<<https://ebooks.adelaide.edu.au/x/xenophon/x5oe/complete.html>>

Xenofonte. *Os pensadores, Volume II, Ditos e Feitos Memoráveis de Sócrates*. Tradução de Líbero Rangel de Andrade através da versão francesa de Eugène Talbot. São Paulo: Ed. Abril, 1972.

Xenofonte. *Symposium*.

<<http://www.gutenberg.org/files/1181/1181-h/1181-h.htm>>

Zeni, Eleandro Luis. *Conhecimento e Linguagem: um estudo do Teeteto de Platão*.

< <http://w3.ufsm.br/ppgf/wp-content/uploads/2011/10/DISSERTA%C3%87%C3%83O-final.pdf>>

Índice

A

acusação, 4, 5, 9, 10, 11, 13, 40
afirmações, 19
Alcibíades, 18, 25, 26
alétheia, 7
alma, 4, 6, 7, 8, 12, 14, 15, 16, 21,
22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30,
31, 32, 33, 40
ambíguo, 18
amor, 6, 7, 29
amoral, 9
Anaxágoras, 11
Ânito, 27, 31
ansiedade, 20
apolítico, 31, 32
Apolo, 4, 7, 13, 27
apologia, 4, 5, 8, 9, 10, 11, 12, 13,
14, 15, 17, 23, 27, 28, 31, 32, 33
aporia, 19, 20, 22
Aristófanes, 4, 5, 10, 12, 34
arrogância, 18
arrogantes, 13
arte de fazer parto, 16, 21
arte do parto, 4, 21
artífices, 13
Atenas, 4, 6, 12, 22, 27, 30, 32
ateniense, 11, 15, 22, 23, 27, 31
autarquia, 32
autêntico, 6
autoconhecimento, 4, 7, 8, 24, 27,
31
autonomia, 3, 4, 8, 14, 16, 23, 26,
28, 33
auxílio, 20

B

beleza, 7, 27
bens, 8, 9, 15, 24, 27, 29

C

calúnia, 9, 13, 14
caminho, 21
características, 6, 7, 10, 31
caráter, 15, 27
Cébes, 29
certezas, 22
cidadãos, 4, 8, 11, 12, 15, 22, 23,
27, 30, 31, 32
cidade, 5, 13, 15, 22, 27, 30, 31, 32
ciência, 6, 7

comédia, 9, 10, 11
comediógrafo, 4, 5, 11
comportamento, 10
compromisso, 15, 17, 27
conceito, 16, 19, 20, 22, 23
concepção, 6, 7, 20, 21
condenação, 4, 5
conduta, 19, 23, 30
conheça a ti mesmo, 26
conheça-te a ti mesmo, 4, 23,
24, 26, 27, 33, 40
Conhece-te a ti mesmo, 24
conhecimento, 4, 5, 6, 7, 8, 13,
15, 19, 20, 21, 22, 23, 24,
25, 26, 27, 28, 29, 31, 32,
35
consciência, 13, 14, 15, 18, 19,
28
consequências, 4, 12, 15, 19
contradição, 8, 18, 19
conversão, 27
coragem, 22
corpo, 7, 8, 15, 21, 24, 25, 26,
27, 28, 29
corromper, 5, 13
cuida de ti mesmo, 4
cuidado, 8, 14, 16, 23, 25, 26,
27, 28, 29, 30, 40
cuidar, 8, 15, 17, 23, 25, 27, 31,
33
cuide de si mesmo, 8, 26
cuide de ti mesmo, 23, 24
cuide-te de ti mesmo, 23, 40

D

daimónion, 14
declaração, 4
defensor, 5
defesa, 31
definição, 19, 20, 21, 23, 25,
28
Delfos, 4, 7, 12, 13, 17, 23, 24,
25, 31
democracia, 7
demônio, 28
desejo, 6, 7, 9
desmascarar, 7
despertar, 8, 17, 27, 31
desprendimento, 28
destino, 29
desvelamento, 7

deus, 4, 7, 8, 12, 13, 14, 15, 17, 23,
27, 31
deuses, 4, 9, 10, 13, 14, 17
dialética, 4, 17
diálogo, 5, 6, 7, 8, 10, 11, 16, 17,
19, 20, 21, 22, 24, 25, 26, 28, 29
difamações, 9
discípulo, 5, 16, 21
discursos, 15, 16, 17, 22, 27
discussão, 18, 28
dissimulação, 17
divindade, 6, 14, 21
doutrina, 4, 5, 6, 11, 12, 14, 23, 24,
26, 27, 28
dúvidas, 5, 7, 19

E

educação, 6, 24, 30
educacional, 8, 32
efêmero, 28
elitista, 7
ensinamentos, 4, 12, 15, 20, 27, 31
ensinar, 9, 10, 14, 15, 24
ensino, 3, 9, 11
epimeléia heautoû, 23
esconder, 18
espiritual, 16, 28
essência, 9, 12, 26, 32, 40
Estado, 5, 6, 8, 14, 24, 27, 30, 31
estéril, 20, 21
Estrepsíades, 9, 10, 11
ética, 6, 15, 32
eu consciente, 14
eudaimonia, 25
Eutidemo, 6, 24, 26
exame, 24, 33

F

facilitador, 20
falso, 18
fama, 4, 5, 8, 9, 11, 15, 22, 27
Fédon, 6, 8, 11, 28, 29, 35
feiticeiro, 22
felicidade, 24, 25, 32, 33
Fidípides, 10
figura enigmática, 18
filosofia, 5, 6, 7, 23, 29, 30, 32
filósofo, 5, 6, 7, 9, 10, 11, 12, 13,
14, 15, 16, 17, 18, 19, 21, 22, 27,
28, 29, 30, 31, 32, 33
finalidade, 17, 20, 22, 27, 33

forma, 3, 6, 7, 8, 12, 15, 16, 18, 20,
23, 27, 28, 30, 31, 32, 33
fundamentação, 16

G

Giovanni Reale, 5, 12, 14, 16, 28,
30, 32
gnôthi seautón, 23
governantes, 31
governo, 7, 30, 31
grávidas, 31
Gregory Vlastos, 5, 6, 7, 18
guerras, 8, 29

H

habilidade, 8, 17, 21
histórico, 6, 7
homem, 4, 7, 8, 9, 10, 12, 13, 14,
15, 16, 17, 18, 19, 21, 22, 23, 24,
25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33
homossexual, 6
honrosa, 12

I

ideias, 4, 5, 21, 22, 23, 31
identidade, 5, 7
ignorância, 4, 7, 13, 14, 18, 22, 26,
27, 28, 29, 31, 32
iludir, 18
ilusório, 28
imaterial, 28
impiedade, 5
impostor, 22
incoerência, 12
indecisão, 19
individualidade, 16, 28
influentes, 8, 12
ingenuidade hipócrita, 18
inicial, 6, 20
inimizades, 21, 22
injustiça, 31
injusto, 13
insuficiência, 8
intelectual, 14
inteligência, 28
interesseiro, 9
interesses, 15, 17, 31
interlocutores, 6, 7, 16, 17, 18, 19,
20, 21, 22, 31
íntimo, 19
investigação, 6, 7, 19
ironia, 16, 17, 18, 19

J

jovem, 20

jovens, 5, 12, 13, 19
juizes, 23
julgamento, 30
justiça, 22, 23, 30, 32
justificação, 16
juventude, 5, 11, 13

L

leis, 4, 6, 10
liberdade, 16, 32
libertação, 12, 29, 32
Licão, 31
livre, 4, 14, 26, 33
logos, 16, 22
lucro, 9

M

magistério, 15, 16, 29, 30
maiêutica, 4, 7, 16, 21, 31, 35,
40
manipulação, 30, 31
máscara, 17, 18
Meleto, 4, 10, 11, 31
Mênon, 6, 7, 20, 22, 34
mestre, 6, 8, 16, 17
metafísica, 7
método, 4, 6, 7, 16, 21, 31, 33,
40
miseros escravos, 8, 29
missão, 4, 7, 8, 12, 13, 14, 15,
22, 27, 32, 40
mocidade, 27
moral, 6, 10, 14, 15, 23
morte, 5, 8, 10, 23, 28, 29, 30

N

natureza, 15, 28
necessidade, 9, 14, 15, 27, 28,
32

O

O espírito é ordenador e causa
de todas as coisas, 11
obediência, 15
obediente, 4, 10
objetivo, 7, 14, 15, 16, 17, 18,
20, 21, 23, 25, 31
obstáculo, 28, 29
ocupação, 13, 15
ódio, 4, 13
oligarquia, 7
opiniões, 7, 8, 18, 19, 28
oráculo, 4, 7, 12, 13, 17, 26, 31,
33
oradores, 13

orgulho, 18, 21

P

padrão, 7
paixão, 6, 7, 28, 29
parteira, 4, 16, 21
parteiro, 4, 20, 21
peça, 4, 5, 10, 11
pedagogia, 1, 4, 7, 15, 29, 30, 32,
33
pedestal, 32
pensamento, 29
pensar, 4, 7, 10, 13, 18, 28, 32
perguntas, 4, 16, 22
personagem, 9, 10, 11, 18, 22
personalidade, 14, 28
perspicácia, 30, 31
persuadir, 15, 32
persuasão, 15, 32
pesquisa, 3, 4, 16, 31, 32
pessoal, 6, 7, 21
pítia, 13
pitonisa, 13
Platão, 4, 5, 6, 8, 9, 10, 11, 12, 14,
17, 18, 20, 22, 26, 30, 31, 32, 34,
35, 36
poderosos, 4, 8
poeta, 11, 13
Pólis, 8, 27, 32
política, 5, 6, 7, 13, 14, 31, 32
populista, 6
por si mesmos, 7, 8, 13, 14
prática, 4, 5, 6, 31, 32, 33
prazer, 13, 15, 28
prazeroso, 28
presunção, 18
presunçosos, 13
pretensão de saber, 4, 21
processo de revisão, 19
psyché, 16, 28, 32
purificação, 28

Q

Querefonte, 10, 13
questão, 5, 11, 12, 13, 14, 15, 20,
21, 22, 24, 28, 29, 30, 31, 32
questionar, 7

R

raciocínio, 10, 17
racionalidade, 6, 7
racionalização, 15
razão, 8, 10, 14, 15, 21, 27, 28, 31
reflexão, 15, 19, 32
refutar, 10
religião, 6

reminiscência, 6
resposta, 4, 13, 16, 17, 18, 19, 20,
22
réu, 10
revolução, 27, 32
revolucionário, 32
rompimento, 6

S

saber, 7, 13, 17, 18, 19, 20, 22, 24,
25, 31
sábio, 4, 7, 8, 13, 18
salário, 10
sarcasmo, 9
sátiro, 19
semeador de dúvidas, 22
Símias, 29
só sei que nada sei, 4, 18

Sócrates, 1, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10,
11, 12, 13, 14, 15, 16, 17,
18, 19, 20, 21, 22, 23, 24,
25, 26, 27, 28, 29, 30, 31,
32, 33, 34, 35, 40
Sócrates histórico, 5, 6, 7
sofistas, 8, 10, 16, 17
sonhos, 17
subversivo, 27

T

tarefa, 7, 8, 17
Teeteto, 6, 7, 19, 20, 21, 31,
35, 36
temperança, 30
teoria das ideias, 6
teoria metafísica da existência
e da separação corpo e
alma, 7

teses, 6, 8
timocracia, 7
tirania, 7
transcendência, 7
transição, 6, 7
tribunal, 4, 9, 11, 13, 17, 22

V

valor, 8, 15, 23, 24, 26, 27, 30, 32
verdade, 6, 7, 11, 13, 15, 16, 17,
18, 21, 24, 25, 28, 29, 31
vida órfica, 28
vida pitagórica, 28
virtude, 15, 18, 20, 22, 23, 26, 27,
29, 32

X

Xenofonte, 5, 24, 35